



“Versos e Versões”: Análise Videográfica à Luz da Memória Popular em Itabuna-Bahia¹

Roberta MIRANDA²

Sara RODRIGUES³

Professora Me. Betânia VILAS BOAS⁴

Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, BA

RESUMO

O vídeo “Versos e Versões”, realizado através de um projeto experimental de conclusão do curso de Comunicação Social – RTV da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC) é o objeto de pesquisa do presente artigo. Busca-se analisar como se dá a atuação do elemento “rio Cachoeira” no processo de construção das memórias individuais e coletivas da cidade de Itabuna-BA dentro do discurso videográfico de “Versos e Versões”.

PALAVRAS-CHAVE: video. memória. rio Cachoeira. Itabuna.

Apresentação

A cidade de Itabuna, no interior da Bahia, é dividida por um rio chamado Cachoeira. Com trezentos quilômetros de extensão, sendo que doze passam por dentro da cidade, o rio destaca-se na hidrografia sul baiana por recortar onze municípios. A bacia do rio Cachoeira é uma unidade ambiental relevante para Itabuna e demais municípios, ocupando uma área onde vivem cerca de 800.000 pessoas.

A área urbana de Itabuna é interligada por 4 pontes que unem as duas partes da cidade. Porém, não é apenas o aspecto geográfico que torna o rio Cachoeira um componente relevante na história da cidade. Suas águas já foram o fator principal para subsistência de grande parte da população. O trecho que corta o centro urbano servia

¹ Trabalho apresentado na Sessão Comunicação audiovisual (cinema, rádio e televisão), da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação 8º semestre do Curso de Comunicação Social – Rádio e Tv da UESC, email: rsmuesc@yahoo.com.br.

³ Estudante de Graduação 8º semestre do Curso de Comunicação Social – Rádio e Tv da UESC, email: sarinha1259@hotmail.com.

⁴ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação social-Rádio e TV da UESC, email: bete_vilas@hotmail.com.



tanto de tanque para lavadeiras e areiros⁵, como de fornecedor de alimentos (peixes e camarão) e lazer para aqueles que se banhavam.

Entretanto o rio passou a receber lixos e esgotos domésticos e industriais, gerando poluição e contaminação de suas águas. Aliado a isso, desequilíbrios ambientais agravaram a situação. Esses fatores atingiram diretamente a população ribeirinha e os demais moradores que dependiam dele como fonte de sustento. Hoje suas atividades estão quase encerradas pelo grande teor de poluição.

Dessa relação entre o rio Cachoeira e os Itabunenes, centrou-se o tema do vídeo “Versos e Versões”. Um projeto experimental videográfico em que vinte personagens entrecortados por eixos temáticos discorrem em dezesseis minutos, sobre a sua convivência direta ou indireta com o rio.

Neste vídeo, buscou-se representar, através do registro videográfico, a importância do rio Cachoeira enquanto participante da memória social e identidade cultural da população itabunense.

Tal artigo, busca analisar o rio Cachoeira enquanto elemento formador da memória popular itabunense dentro do discurso videográfico de “Versos e Versões”.

A relação do homem com a água

Elemento fundamental na dinâmica da natureza, a água impulsiona todos os ciclos ecológicos, de modo que sustenta a criação. Sendo assim, por uma questão de sobrevivência e também pela própria comodidade, a espécie humana sempre buscou viver próxima aos rios.

Impulsionados por melhores condições de habitação e de sobrevivência, diferentes povos da Antiguidade buscaram regiões férteis e úmidas, ou seja, próximas aos rios, para desenvolverem as suas civilizações, como o Egito, que floresceu às margens do Nilo e a Mesopotâmia que surgiu entre os rios Tigre e Eufrates (SOUZA, 2005, p. 66).

Entretanto, a importância do meio ambiente para o ser humano vai além de seu caráter provedor de sustento físico. Algumas áreas possuem também a função de sustentação cultural. Segundo Cascudo (1971, p.26):

Pensar a natureza e o homem nos dias atuais, passa por um caminhar de volta às nossas raízes e nesses passos encontrarmos com a natureza

⁵ Pessoas que trabalham retirando areia do fundo do rio para vender.



primeira, transportados pela produção cultural de uma comunidade, seu imaginário e sua percepção, só será possível se enveredarmos pelas trilhas de uma ciência do povo calcada na tradição, na memória e na realidade da existência, como também pela interpretação do que vemos.

A conservação de locais denominados patrimônios culturais associa-se não apenas à sua beleza cênica, mas ao seu caráter histórico. São áreas que transmitem à população a importância do ambiente natural na formação da lembrança de quem são o que fazem, de onde vieram, e por conseqüência, como serão⁶. Todas as lembranças que envolvem paisagens compõem parte da história de um determinado local.

Produto da ação humana ao longo do tempo, a paisagem apresenta uma dimensão histórica. Na medida em que uma mesma paisagem ocorre em certa área da superfície terrestre, apresenta uma dimensão espacial. Mas a paisagem é portadora de valores, crenças, mitos e utopias: tem assim uma dimensão simbólica. (CORRÊA E RONDENDAHL, 1998, p.8)

Os rios representam paisagens dotadas de valores simbólicos principalmente devido ao elemento água presente neles. O domínio simbólico da água foi consolidado através dos tempos pela subjetividade, imaginação e leitura que diversas culturas fizeram desta, como analisa Cunha (2000, p. 34):

Prenhe de significados, a água é um elemento da vida que a encompassa e a evoca sob múltiplos aspectos, materiais e imaginários. Se, por um lado, é condição básica e vital para a reprodução, dependendo dela o organismo humano, por outro, a água se inscreve no domínio do simbólico, enfeixando várias imagens e significados.

A água ainda gera fascínio para o homem atual, seja pela sua dependência para a sobrevivência, seja pelos valores estéticos que lhes são atribuídos ou ainda, pelo imaginário que esta evoca.

A partir do pensamento de Tuan (1980, p. 106), entende-se que “o elo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico” é chamado de “topofilia”, onde a memória cultural e a inteligência emocional se fundem. A palavra topofilia é um neologismo, podendo ser definida em sentido amplo, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material.

⁶ “Patrimônio Natural”. Disponível em <http://www.patrimoniocultural.pr.gov.br>. Acesso em: 15/04/2008.



Tuan (loc. cit., grifo do autor) complementa o entendimento por topofilia onde o “mais permanente e mais difíceis de expressar são os sentimentos que temos para com um lugar, por ser o lar, o *locus* de reminiscências e o meio de se ganhar a vida”.

Alederson Carvalho⁷, Valquíria Ferreira⁸ e Raimundo Antônio⁹ são exemplos de pessoas que dependem do rio para “ganhar a vida”, porém em esferas diferentes. Alederson, lavador de carro, confirma tal estudo quando diz “meu trabalho é aqui, aqui que eu vivo meu dia a dia, de manhã lavar carro, pra de noite ter o que comer em casa”.

Valquíria possui uma balsa que faz travessia de pedestres de um lado para outro do rio e designa o trabalho como um “comerciozinho que dá pra quebrar o galho né”. Já Raimundo, aos 54 anos diz que “minha profissão é essa, pescaria. Eu vivo disso já desde os 10 anos. Sempre vivi do rio”.

Assim, pode-se observar que enquanto para Valquíria o rio representa um “comerciozinho”, um complemento às suas outras fontes de renda, Alederson e Raimundo possuem uma relação de subsistência, evidenciadas quando, respectivamente, falam “pra ter o que comer em casa” e “sempre vivi do rio”. Desta forma verifica-se que os “sentimentos para com um lugar”, são distintos a cada indivíduo.

Mas a relação entre os moradores de Itabuna e o rio Cachoeira pode representar também um sentimento de repulsa, o que é referido por Tuan (1980) como “topofobia”, que seria a descrição do momento de conflito, e conduz a um sentimento de rejeição pela paisagem, pelo “lugar”.

Raimundo e Antonia Oliveira¹⁰ possuem experiências negativas com o rio, mas cada um compreende uma forma de relacionar tais fatores e em diferentes graus. Apesar do rio já ter prejudicado Raimundo, ele se não expressa mágoa, quando diz que “as vezes o rio tira tudo de mim, as vezes o rio dá tudo de novo. [...] e a luta continua sempre criei meus filho, tiro o sustento aqui da beira do rio”. Isso se dá, principalmente pelo fato expresso nesta segunda parte da fala de Raimundo, onde aparece o lado “topofílico” dessa relação, compensando ou até mesmo superando o aspecto negativo desta.

⁷ Entrevista cedida no dia 11/04/2008 - Alederson Carvalho tem 16 anos e trabalha como lavador de carro, chamando os motoristas para a margem do rio, onde ele oferece o serviço.

⁸ Entrevista cedida no dia 21/12/2007 - Valquíria Ferreira mora no bairro Bananeira, em Itabuna. É proprietária de uma balsa, criada há 30 anos por seu pai, que a improvisou para fazer a travessia de um lado a outro do rio Cachoeira

⁹ Entrevista cedida no dia 11/04/2008 - Raimundo Antônio de Souza Dórea, conhecido como “Mundeca”, é morador ribeirinho e pescador e sobrevive do rio há mais de 40 anos.

¹⁰ Entrevista cedida no dia 21/12/2007 - Antonia Oliveira tem 50 anos e mora no bairro Bananeira, em Itabuna



Já Antônia, moradora ribeirinha, sintetiza de forma áspera que “esse rio é sofrimento porque quando ele enche, num tem pra onde correr”. Não foi observado na declaração de Antonia nenhum fator positivo em relação ao rio, expressando assim, um sentimento muito mais carregado de aversão que o de Raimundo.

Desta forma, o valor simbólico do meio ambiente vivido sustenta uma espécie de relação psicológica entre o homem e este meio. Os lugares físicos da vida íntima, o elo afetivo entre a pessoa e o lugar, sua dimensão emocional e material, o indivíduo no meio e no coletivo. A intensificação dessa relação acontece quando se faz presente a memória, pois “a apreciação da paisagem é mais pessoal e duradoura quando está mesclada com lembranças de incidentes humanos” (TUAN, 1980, p.110).

Itabuna e o Rio cachoeira: interação e/ou recordação?

“Uma sociedade cria história e cultura em sua direta e intensa relação com a natureza.” (LE GOFF, 1994, p. 35)

O Cachoeira representa não só uma referência geográfica, mas um patrimônio histórico. Andrade (et al., 2005, p.42-3), a respeito do rio, constata que:

[...] é o próprio testemunho da história de Itabuna e da região, uma vez que, pelas suas margens, penetraram os desbravadores como Félix Severino do Amor Divino e Manoel Constantino que deram origem à cidade”. Pelas suas águas também chegaram os frades que catequizaram os índios, e os naturalistas que vieram estudar a flora[...]

Inicialmente, Itabuna ficava na margem esquerda do Cachoeira. Hoje, ela é cortada ao meio pelo rio, com quatro pontes ligando as duas partes da cidade. (MENEZES, 2005). O município nasceu e cresceu ao longo de suas margens e tornou-se a quarta cidade mais importante economicamente do Estado em função da lavoura cacauera (SILVEIRA, 2002). A influência do rio era tão forte que veio dele a inspiração para o nome da cidade. Seu significado, originário do tupi: ita (pedra) + aba (quebrar, trincar) + una (preto, preta) - Ita + aba + una= pedras pretas truncadas ou partidas, ou simplesmente pedras pretas partidas, faz menção às grandes pedras que existem no rio¹¹.

O leito do rio Cachoeira era pontilhado por dezenas de ilhas, entretanto, as que mais se destacaram na história da cidade foram: a ilha do Mutucugê, também conhecido

¹¹ “A origem do nome de Itabuna”. Disponível em: <http://www.itabuna-ba.com.br>. Acesso em: 31/03/2008.



como Celestino Brandão, com aproximadamente dez hectares onde viviam grandes jacarés; a Ilha do Sequeiro, de forma arredondada com cerca de três hectares; e a famosa Ilha do Jegue.

Um fenômeno que se tornou freqüente no Cachoeira foram as enchentes. As principais aconteceram no ano de 1875, 1914, 1920, 1945, 1955, 1957, 1964, 1967 e 1981, todas com conseqüências catastróficas. (SILVEIRA, 2002)

A relação do rio com a sociedade itabunense era tão forte que o tema ganhou espaço em muitos poemas de autores regionais. Cyro de Mattos dedicou todo o tema de um livro ao rio. Em “20 poemas do rio”, o autor apresenta o rio Cachoeira a partir de uma visão romântica. Retrata as figuras marcantes de lavadeiras, pescadores e areiros. Fala do colorido das roupas estendidas nas pedras, da importância do esforço do trabalho do areiro, das redes de pescadores carregadas de peixe.

Havia uma forte interação entre a população e o rio. Por não existir rede de água encanada, as lavadeiras tiravam o sustento lavando roupa dos “doutores”. (SILVEIRA, 2002). A água limpa e pura, servia de habitat para várias espécies de peixes e gerava o sustento de muitas famílias, como relata em entrevista para o vídeo, o pescador Raimundo de Souza (Mundeca):

Graças a Deus, isso aqui pra mim é a nossa fazenda. É o que nos temos de bom. Apesar de muita poluição, apesar de ninguém olhar pra o que esse rio dá pra gente. Porque antes nos tinha muito peixe aqui. Nos tinha robalo, tinha o pitu, tinha carapeta, a tainha, hoje num tem nada disso mais por causa da água poluída.

Também em entrevista, a moradora ribeirinha Aureliana Oliveira (Catuta), de 93 anos, lembra que:

Eles [pescadores] pescavam, vendiam, dinheiro na mão. Daí gente criou os filho com peixe desse rio, pescando. Era o pai da pobreza esse rio, cachoeira [...] Antigamente era saudável os peixes, mas hoje com esse canal ali ó, traz tudo quanto é imundície da rua, cai tudo ali ó [...] Era um rio bonito, limpo, a gente tomava banho, as lavadeiras sobrevivia disso, lavar roupa desses doutores.

O rio das histórias de Mundeca, Catuta e Rai passou por grandes transformações, e hoje, a realidade que se observa é bastante diferente.



Um rio que reúne uma população inteira em seu entorno é o mesmo que é capaz de gerar um valor simbólico, um sentimento de pertença ou até mesmo de indiferença ante uma realidade que identifica e ao mesmo tempo flagra a incompetência ecológica de um povo (SOUZA, 2005, p.105).

Em relação ao tratamento que a população dá ao rio e a resposta deste a ela, Andrade (loc. cit.) ressalta que “seria bonito, o rio, não fossem o esgoto e o lixo que seus habitantes insistem em jogar em suas margens e em seu leito, num total desrespeito à natureza. Mesmo assim, quando cheio, joga toda a sua sujeira para debaixo de seu tapete aquoso ou a leva para Ilhéus, sujando as praias; e, limpo, refeito, dá um espetáculo de pujança, poder e vida”.

Outros fatores são agravantes na destruição do Cachoeira. A poluição aumenta com os resíduos industriais e dos matadouros, e inseticidas aplicados na cultura do cacau, que são despejados em suas águas. Em detrimento disso, aumenta o contágio por verminoses. Nos períodos de estiagem o rio parece “clamar” por água de tão seco. Os peixes morrem e o rio exala um mau cheiro devido ao excesso de lixo que fica exposto nas margens (SOUZA, 2005).

Nesse sentido, um misto de aflição e impotência é o sentimento mais comum entre a população que teve o Cachoeira como protagonista de sua história. Como um desabafo, Catuta expressa a sensação de ver a presente situação do rio: “Eu dou muita importância a ele, até sinto em ver esse rio do jeito que está, acabado, porque quem conheceu ele vivo, vê hoje assim, a ossada assim, acabado, a gente sente né. Eu sinto¹²”. Experiências comuns, compartilhadas na dor da perda gradativa do rio.

Contudo, o vivido dos ribeirinhos não se resume ao sentimento de inconformismo. A atuação da memória popular em relação ao rio faz dele um berço de recordações. Seja na forma de doces lembranças, quando a limpidez de suas águas serviam para os mais longos e prazerosos banhos, seja na triste lembrança dos agonizantes momentos que viveram na época das grandes enchentes.

Desta forma, a população apresenta uma relação ambígua com o rio Cachoeira. Ao rio são associados sentimentos e significados conflitantes, pois ao ultrapassar a condição física como provedor, o Cachoeira ocupa no imaginário de suas populações, tanto a simbologia de fertilidade, renovação e esperança, quanto de destruição e morte (ROCHA, 2003).

¹² Esta fala de Catuta encerra o vídeo “Versos e Versões”.



No cenário itabunense atual, no que diz respeito à relação de subsistência da população para com o rio, a recordação supera a interação. Isso não significa dizer que não exista este interagir. Ele ainda acontece, porém numa proporção muito menor que antes. Apesar de poucas, ainda existem pessoas que dependem do rio para viver, a exemplo de Raimundo de Souza, que vive da pesca no Cachoeira há 44 anos. Em entrevista, ele declara: “Sempre vivi do rio [...] Às vezes o rio tira tudo de mim, às vezes o rio dá tudo de novo [...] A minha época foi uma época difícil, fui criado sem pai, criado por minha mãe e o único lugar que tinha pra defender o sustento era o rio [...] e aí continuei e to aqui até hoje, vivendo do rio”.

Não se pode prever até quando haverá esse tipo de interação, onde o rio oferece sustento, já que sua degradação continua num ritmo acelerado. Por outro lado, essa realidade intensifica um outro tipo de interação: quando o rio “responde” aos ataques sofridos por ele, através da fetidez da água, da fúria das enchentes e da proliferação de doenças. Nesse contexto, a contínua degradação do Cachoeira alcança níveis que interferem nos mais variados setores, que estão relacionados às condições de vida de seus habitantes, principalmente os que se encontram mais próximos dessa realidade, no caso, os ribeirinhos.

Memória Coletiva e Memória Individual

Conforme Connerton (1999, p.2):

No que se refere à memória em geral, podemos observar que a nossa experiência do presente depende em grande medida do nosso conhecimento do passado [...] E viveremos o nosso presente de forma diferente de acordo com os diferentes passados com que podemos relacioná-lo.

De acordo com o conceito de Bossi (1994, p.53) “a lembrança é a sobrevivência do passado. O passado, conservando-se o espírito de cada ser humano, aflora à consciência na forma de imagem-lembrança”. Em cada palavra que dizemos, em cada passo que damos ou em cada sonho que construímos, no pensamento, nos sentimentos e percepções, bem como na imaginação está presente a memória de experiências passadas. O que sabemos e o que poderemos aprender dependem diretamente das memórias que possuímos ou que iremos adquirir (Id. Ibid.).



Mas a memória presente em nós, não é independente nem indivisível. Além de seletiva - pois não somos capazes de lembrar todos os detalhes de um fato - ela envolve também o esquecimento (POLLAK,1992). Nesse aspecto, Bossi (1994, p.53) caracteriza a memória como “um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento”. Portanto, esse fator nosso controle, pois “o que lembramos ou esquecemos não é fruto apenas de nossas intenções e desejos declarados”. Podemos nos lembrar de detalhes aparentemente sem importância e esquecermos de algo que consideramos fundamental pra nós.

Sabe-se também que a memória nunca se apresenta de maneira ordenada ou cronológica, pois funciona através de associações livres entre as vivências e fatos do passado.

Lembrar não é a re-excitação de inumeráveis traços fragmentados, fixos e sem vida. É uma reconstrução, ou construção imaginativa, construída a partir de nossa atitude em relação a uma massa ativa de reações ou experiências do passado organizadas, e em relação a pequenos detalhes importantes que comumente aparecem em imagem ou na forma da linguagem. (BARTLETT,1961, p.213 apud SANTOS, 2003, p.273)

A memória está tanto presente em nós quanto exterior a nós. Fotos são exemplo de objetos que podem despertar-nos lembranças. Ao olhar para as imagens ali impressas, ativamos em nosso cérebro recordações de momentos vividos que estavam, de alguma forma, “silenciados” em nossa memória. O mesmo pode acontecer ao contemplar uma paisagem onde vivenciamos experiências marcantes. Este é outro aspecto importante acerca da memória: sua relação com os lugares. A respeito disso Pollak (1992, p.202) observa que:

Existem lugares da memória, lugares particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser uma lembrança pessoal, mas também pode não ter apoio no tempo cronológico.

A memória tem nos lugares uma referência importante para a sua construção, ainda que não representem condição para a sua preservação. As memórias dos grupos se referenciam, também, nos espaços em que habitam e nas relações que constroem com estes espaços. Assim, mudanças empreendidas nesses lugares acarretam mudanças importantes na vida e na memória dos grupos. Daí a preocupação em se preservar patrimônios naturais, culturais e históricos.

Sobre a relação do indivíduo com sua memória, Bachelar (1993, p.2) ressalta que: “[...] a imagem emerge na consciência como um produto direto do coração, da alma,



do ser do homem tomado em sua atualidade”. Ainda no âmbito emocional da recordação, o autor acrescenta que todo “espaço habitado” carrega um sentimento de “o não-eu que protege o eu”. E conclui que esses espaços trazem a essência da noção de casa.

A idéia de memória geralmente é classificada como uma faculdade individual. Todavia, há um grupo de pesquisadores que concordam que exista algo como uma memória coletiva ou social (CONNERTON, 1999).

Quem primeiro nos fornece a noção da memória em permanente construção e interação social é Maurice Halbwachs, ao se contrapor à noção de uma memória puramente individual de Henri Bergson. Na concepção bergsoniana, formulada no século XIX, a memória é centrada no indivíduo e permanece latente no subconsciente. Em alguns momentos, as lembranças, depositadas no fundo dessa memória latente, afloram.

Para Halbwachs, a sociedade está presente na memória e vice-versa. Em 1925 o autor elaborou uma espécie de “sociologia da memória coletiva”. O conceito de memória social têm origem na teoria psicossocial sobre a memória criado por ele, onde, em sua obra *A Memória Coletiva*, influenciado pela sociologia de Emile Durkheim, Halbwachs defende que as recordações são sempre originárias do grupo social ao qual o sujeito faz parte. O caráter central da memória é que ela é social. Desta forma, o indivíduo pensa (e lembra) a partir de grupos ao qual se vincula. Halbwachs se opõe à idéia de memória como pura reconstrução/recordação do passado e afirma o lugar da memória como construção do passado no presente.

De acordo com o pensamento de Halbwachs (1990, p. 25),

Se o que vemos hoje tivesse que tomar lugar dentro do quadro de nossas lembranças antigas, inversamente essas lembranças se adaptariam ao conjunto de nossas percepções atuais. Tudo se passa como se confrontássemos vários depoimentos.

A origem de várias idéias, reflexões, sentimentos, paixões que atribuímos a nós são, na verdade, inspiradas pelo grupo. A disposição de Halbwachs acerca da memória individual refere-se à existência de uma “intuição sensível”:

Haveria então, na base de toda lembrança, o chamado a um estado de consciência puramente individual que - para distingui-lo das percepções onde entram elementos do pensamento social - admitiremos que se chame intuição sensível (HALBWACHS, 1990, p.41).



Construída a partir das referências e lembranças próprias do grupo, a memória individual, constitui-se, portanto, por “um ponto de vista sobre a memória coletiva”. Porém deve-se considerar o lugar ocupado pelo sujeito no interior do grupo e as relações mantidas com outros meios, para que se possa analisar e compreender o referido “ponto de vista” do indivíduo em relação à sua coletividade. (Id. Ibid.p.55).

A partir dessa vivência em grupo, Halbwachs afirma que as lembranças podem ser reconstruídas ou simuladas. Podemos criar representações do passado assentadas na percepção de outras pessoas, no que imaginamos ter acontecido ou pela internalização de representações de uma memória histórica.

Dentro do vídeo “Versos e Versões”, esse fator é evidenciado no início da fala do personagem Dinho:

Pelo que os mais velhos contam, um dos grandes períodos marcantes do rio Cachoeira foi a cheia de 67 que a água alcançou o nível máximo, chegando até a Cinquentenário, deixando inúmeros desabrigados. Mas com isso também proporcionando um espetáculo das águas.

A lembrança é uma imagem engajada em outras imagens. Ou ainda, “a lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente e, além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada” (HALBWACHS, 1990, p. 75).

Ao entrar em contato com as lembranças de outros sobre pontos comuns em nossas vidas acabamos por expandir nossa percepção do passado, contando com informações dadas por outros integrantes do mesmo grupo, desta maneira, as lembranças podem também ser simuladas. Em contrapartida, não há memória que seja somente “imaginação pura e simples” ou representação histórica que tenhamos construído que nos seja exterior, todo este processo de construção da memória passa por um referencial que é o sujeito (Id. Ibid.).

A memória individual não está isolada. Frequentemente, toma como referência pontos externos ao sujeito. O suporte em que se apóia a memória individual encontra-se relacionado às percepções produzidas pela memória coletiva. Assim, estas duas memórias se completam, dependem de uma co-existência. Halbwachs (1990, p. 59)



conclui que uma se apóia na outra, “pois toda história de nossa vida faz parte da história em geral”.

A respeito do assunto, Ecléa Bossi (1994, p.55), em menção ao pensamento de Maurice Halbwachs (1990), discorre:

[...] Halbwachs amarra a memória da pessoa à memória do grupo; e esta última à esfera maior da tradição, que é a memória coletiva de cada sociedade. Desta forma, entende-se que no processo de construção da memória coletiva são atuantes muitas memórias individuais. Estas, por sua vez estão sob influência de aspectos tradicionais da memória do grupo social onde se formou, isto é, onde esse indivíduo foi socializado.

A memória que se populariza ganha certa autonomia em relação aos membros de um grupo social e distancia-se da memória que guarda cada indivíduo sobre aquele acontecimento. Todavia, As lembranças individuais estão sempre se alimentando das diversas memórias oferecidas pelo grupo, a que Halbwachs denomina “comunidade afetiva”. O ato de relembrar em conjunto, isto é, o ato de compartilhar a memória, é um trabalho que constrói sólidas pontes de relacionamento entre os indivíduos porque são alicerçadas numa bagagem cultural comum. Para Bossi (1994, p. 414) “o grupo é suporte da memória se nos identificarmos com ele e fazemos nosso seu passado”. Porém isso não anula a importância da interação entre as memórias individuais dos indivíduos desse grupo.

As lembranças se apóiam umas nas outras formando um sistema que subsiste enquanto puder sobreviver a memória grupal. Se por acaso esquecermos, não basta que os outros testemunhem o que vivemos. É preciso mais: é preciso estar sempre confrontando, comunicando e recebendo impressões para que nossas lembranças ganhem consistência. (Id. Ibid., p.414)

Essa memória compartilhada leva o indivíduo a construir redes de relacionamentos nas quais é possível focalizar em conjunto aspectos do passado, envolvendo participantes de diferentes gerações de um mesmo grupo social. Porém a memória grupal pode sofrer os preconceitos e tendências do grupo, logo sempre é possível um confronto e uma correção dos relatos individuais, Desta maneira, a história salva-se de espelhar apenas os interesses de cada um (BOSSI, 1994).

Conclusão



A análise do vídeo “Versos e Versões” a partir do pensamento de Halbwachs, percebe-se que a memória é construída na relação do sujeito com o que está fora dele, constituindo a própria subjetividade, a partir de uma relação com o mundo.

A memória, formada pelas narrativas individuais, não é apenas individual, porque se imprime, antes de tudo, numa dimensão social. O processo de rememoração não é individualizado, mas comum, compartilhado e com expressões próprias à história e ao contexto de um determinado grupo.

Observou-se assim, que o trabalho com a memória não se aprisiona no passado, mas conduz com maior segurança para o entendimento de todo um contexto atual. Ao permitir a reconstrução de aspectos do passado, o trabalho com a memória também possibilitou uma reflexão em torno das pessoas nele envolvidas, compreendendo sua importância na história e na cultura local.

Para tanto, foram válidas as representações de experiências e pontos de vistas individuais e coletivos daqueles que nem sempre são considerados. As muitas versões representadas, a partir de diferentes atores sociais, pôde levar-nos a relativizar posições, compreender parte do contexto cultural e histórico da cidade e nuançar um passado a ser reconstruído.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

ANDRADE, Maria Palma; ROCHA, Lurdes Bertol; GASPARETTO, Agenor. **De Tabocas a Itabuna**: um estudo historico geográfico. Ilhéus: Editus, 2005.

ARANHA, M. L. A . & MARTINS M. H. P. **Filosofando** - Introdução à Filosofia. São Paulo: Moderna, 1992.

BACHELAR, Gaston. **A Poética do Espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BOSSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CONNERTON, Paul. **Como as sociedades recordam**. Oeiras: Celta, 1999.

CORRÊA, L. R. e RONDENDAHL, Z. orgs. **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ 1998.

CUNHA, L. **Economia e política do turismo**. Lisboa: MC – Graw – Hill, 2000.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vertice, 1990.

LEME, Fernanda Beraldo Maciel. **Represas como territórios, lugares e paisagens**: subsídios para o planejamento turístico sustentável. 2007. 218f. Dissertação (Mestrado)



- Universidade Estadual de Santa Cruz. Programa de Pós-Graduação em Cultura e Turismo

MATTOS, Cyro de. **Vinte Poemas do Rio**. Rio de Janeiro: Cátedra, 1985.

MENEZES, Moacir Garcia de. **Recordações Históricas de Itabuna**. Itabuna: Via Litteratum, 2005.

SILVEIRA, Adelindo Kfoury. **Itabuna, Minha Terra!** Itabuna: O Autor, 2002.

SOUSA, Marivalda Guimarães. **O Rio Cachoeira aquém da sua poesia**: imaginário das águas e sustentabilidade ambiental através do turismo litorâneo de Ilhéus-BA. Ilhéus, 2005. 164f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Santa Cruz/ Universidade Federal da Bahia.

THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TREVISAN, Salvador D.P. **Sociedade-natureza**: uma concreta e necessária integração. Rio de Janeiro: Papel Virtual, c1999.

TUAN, Yu-fu. **Topofilia** - Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente. São Paulo/ Rio de Janeiro: DIFEL, 1980.

TUAN, Yu-fu. **Espaço & Lugar**. São Paulo: DIFEL, 1983.

ROCHA, Lurdes Bertol. **O centro da cidade de Itabuna**: trajetória, signos e significados. Ilhéus: Editus, 2003.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. **História e Memória: o caso de Ferrugem**. Disponível em: <http://www.scielo.com.br>. Acesso em: 01/04/2008.